

# As mudanças nos sistemas consonantal e vocálico do araweté e sua inclusão na família tupi-guarani

Yonne Leite  
CNPq/Museu Nacional-UFRJ

## 1. Introdução

A língua araweté é falada por cerca de 150 indivíduos que habitam uma única aldeia, situada na margem esquerda do igarapé Ipixuna, de águas negras e encachoeiradas, afluente da margem direita do rio Xingu (Pará). Foram oficialmente contatados pela Fundação Nacional dos Índios em 1976, ao se terem refugiado nas margens do rio Xingu, fugindo dos repetidos ataques de outro povo tupi-guarani, os parakanã. Vivem até hoje relativamente isolados no meio da mata, só se podendo chegar à sua aldeia pelo rio pedregoso e de navegação não muito fácil ou por avião de pequeno porte. O maior contato se restringe aos *kamarã* que visitam a aldeia, à professora e a um funcionário da FUNAI que lá habitam e às esporádicas idas a Altamira, a cidade mais próxima, para tratamento de saúde. O domínio do português é incipiente, muitos eram monolíngües, a maior fluência se limitando aos homens e algumas mulheres jovens que freqüentam a escola da aldeia.

As primeiras observações lingüísticas sobre o araweté foram feitas por Viveiros de Castro (1986), em sua premiada tese de doutorado, na qual realiza um estudo etnográfico, que não só revela o mundo dos vivos e dos mortos, a estrutura da vida social, a metafísica desse povo de história trágica, mas também apresenta um apêndice em que constam observações sobre a língua araweté, seus sons e possíveis agrupamentos e a cadeia de possíveis mudanças geradoras do sistema fonológico atual, a partir do proto-tupi-guarani. Viveiros de Castro apoiou-se na metodologia aplicada por Leite (1982) para as mudanças do tapirapé, língua também da família tupi-guarani.<sup>1</sup>

Nesta comunicação, são discutidas as dificuldades dos critérios existentes para inclusão do araweté em um dos subconjuntos diacrônicos propostos por Lemle (1971), para a família tupi-guarani, uma vez que os processos históricos ora se encaixam num subgrupo, ora noutro.

Partiremos do sistema fonológico atual do araweté, para depois procedermos à apresentação da mudança vocálica e consonantal feita pela comparação do estágio atual com o proto-sistema tupi-guarani proposto por Lemle (*op. cit.*)

---

<sup>1</sup> Os dados aqui apresentados são provenientes de dois períodos de recolha. O primeiro teve lugar na aldeia araweté, de 13 a 24 de agosto de 1995. O segundo se concretizou com a permanência de uma semana de um jovem araweté-Taramã- ao Rio de Janeiro, em setembro de 1997. Resultados parciais foram apresentados em Vieira e Leite (1998) e Leite, Moraes e Souza, 1999(a); 1999(b)

## 2. O sistema fonológico

O sistema fonológico araweté é composto de uma série de cinco vogais orais, com contrapartes nasais e 11 consoantes, a saber:

(1) <i>Sistema vocálico oral</i>	i e a ə y
<i>Sistema vocálico nasal</i>	ĩ ẽ ã õ ÿ
<i>Sistema consonantal</i>	p t tʃ k m n r w j h

Das vogais merecem menção as variações encontradas para os fonemas representados por /y/ e /ə/, como se pode ver em (2) abaixo.

(2) /y/	[u~o~ɯ~ə]
/ə/	[ɪ~ə]

Com a escolha do símbolo /y/ para a representar a variação de fonemas posteriores arredondados e não-arredondados, procurou-se simbolizar a neutralização do traço [arredondado], ativo em várias línguas tupi-guarani, usando o símbolo empregado na literatura tupi-guarani para a vogal posterior ou central alta não-arredondada, de mais fácil impressão do que o símbolo do IPA. O fonema /ə/ representa uma variação entre a vogal anterior alta aberta [ɪ], que se situa no espaço fonético entre a vogal cardinal 1 [i] e 2 [e], e a vogal central média fechada não arredondada [ə].

Essas alternâncias foram tratadas como variações livres, por não ter sido possível determinar as variáveis estruturais ou sociais determinantes da maior ou menor ocorrência das variantes, devido ao curto período de trabalho de campo e às dificuldades inerentes à gravação de sessões num ambiente majoritariamente monolíngüe, cuja população participava deste tipo de trabalho pela primeira vez.

A existência de pares mínimos, como [hepi] “meu pé”: [hepə] “minha pele”: [hepe] “meu caminho”: [hepa] “minha mão”; [iwity] “vento”: [iwiti] “morro”: [awatə] “milho”, constituem evidências de que [ə] tem um estatuto fonêmico. Embora o trabalho tenha sido feito segundo uma orientação estruturalista, em que o *overlapping* entre membros de um fonema não é permitido, optou-se por não seguir essa restrição, também conhecida como condição de biunivocidade, uma vez que o segmento [ə] pode ser representado ora como /ə/, ora como /y/. O critério seguido foi o da variação possível: se a representação for /ə/ só há dois *outputs* fonéticos ou com [ə] ou com [ɪ], já a representação /y/ tem as quatro realizações arroladas em (2). Além disso, a realização do alofone [ə] pertencente ao fonema /ə/ é bem mais breve do que a do fone que pertence ao fonema /y/.

Quanto às vogais nasais, é possível dissolvê-las em uma representação bifonemática, isto é, uma vogal oral seguida por um segmento flutuante que, após espriar seu o traço [+nasal] para a vogal que o precede, é desligado. Manteve-se, porém, para fins comparativos, a representação mais concreta com uma série oral e outra nasal.

### 3 Comparação com o proto-sistema tupi-guarani

A alta incidência de cognatos no léxico nuclear araweté e processos sistemáticos de mudança com relação ao proto-sistema tupi guarani indicam tratar-se de uma língua dessa família. Essas mudanças serão aqui tratadas tendo como pano de fundo a comparação entre o araweté atual e as proto-formas do proto-tupi-guarani, tal como postulado por Lemle (op. cit.), a única classificação genética acessível que procede segundo o método comparativo clássico.

#### (3) Proto sistema

Vogais orais	*i *e *a *y *o *u
Vogais nasais	*ĩ *ẽ *ã *ỹ *ũ *õ
Consoantes	*p *t *k * <sup>2</sup> *c *m *n *ŋ *j *w *b *r

Em (4) se encontram as correspondências das vogais orais, em (5) as das vogais nasalizadas e em (6) as das consoantes.

#### (4) Vogais orais

- \*a → ĩ /--C nasal #: \*akaŋ → atʃĩ “cabeça”.
- \*a → ã /--(C)# \*kaj → kãj; \*epyak → etʃã “ver”; \*tata → tatã “fogo”.
- \*a → a /nos demais ambientes: \*abati → awatə “milho”
- \*y → i em todos os ambientes: \*pype → pipe “dentro”; \*py'a → piã.
- \*i → ə / principalmente em ambiente de\*r: \*pira → pərà “peixe”; \*pir → pə.
- \*i → i / nos demais ambientes: \*itã → itã “pedra; \*'ib → i “árvore”
- \*o → a /em sílaba final de vocábulo e em penúltima sílaba precedendo \*o:  
\*pepo → pepa “asa”; \*ok → a “casa”; \*o'o → haa “carne”.
- \*o → u ~ o ~ ə ~ y nos demais ambientes.
- \*u → u ~ o ~ ə ~ y .em todos os ambientes.

As vogais nasais a sofrerem mudanças são as arroladas abaixo, as demais continuando sem modificações.

#### (5) Vogais nasais

- \*õ → õ ~ ũ ~ ã ~ ỹ.
- \*ũ → ã ~ õ ~ ã ~ ỹ.
- \*ã → ĩ: \*nopã → nopĩ “bater” \*ãy → ĩy “dente”.

A maioria das consoantes do proto-sistema permanecem. As principais tendências de modificação estão arroladas abaixo.

<sup>2</sup> O símbolo ' representa a oclusão glotal

- (6) a) \*py →tʃ: \*epyak→ etʃã “ver”.  
 b) \*pw→ p: \*pwã → pĩ “dedo”; ko-pwer (tup.) →kape “capoeira”.  
 c) \*t → tʃ diante de \*i: \*kwatiar →kytʃã “pintar”; \*awati →awatʃə “milho”.  
 d) k → tʃ: diante de / i / e: \*ker→tʃe “dormir”; \*akaŋ→atʃi; \*kwati→katʃi “coati”.  
 e) \*kw → k: \*kwaraci→ karahi “sol”; \*kwatiar →kytʃã “pintar”.  
 f) \*kw → tʃ diante de e ou i: ok-wer (tup.) →a tʃe “casa velha”.  
 g) \*c → h.: \*pɥcyk→ pihi; “espremer”; \*cy→hi “mãe”.  
 h) \*j → j em posição de coda silábico em final de palavra; [ j ] ~ [ dʒ ] ~ [ ɲ ] em onset silábico em início de palavra; [ ɲ ] em ambiente de vogal nasal: \*amõj→amõj “avô”; jarỹja→ jari ~zari ~ɲari “avó”.  
 i) \*b →w: \*ebek →ewe

A oclusão glotal e as consoantes finais, com exceção de \*j, são canceladas.

### 3.1. A inclusão do araweté na família tupi-guarani

Se os processos propostos por Lemle (1971) para o agrupamento histórico forem aplicados, o araweté se liga geneticamente, num primeiro plano, ao subgrupo composto pelo asurini, guajajara, parintintin, kamaiurá e urubu pelas seguintes mudanças compartilhadas no sistema consonantal: \*py →tx e \*c → h (6a; 6g). Em outro nível estaria mais próximo ao tapirapé, ao asurini e guajajara, isolando-se do parintintin, kamaiurá e urubu pela mudança do sistema vocálico, uma vez que não tem o sistema clássico de seis vogais orais. A esse sistema de cinco vogais se acrescenta o fato de o tapirapé e o araweté manterem vogais nasais, o que não acontece com o asurini e com o guajajara.

As mudanças vocálicas ocorridas em tapirapé, asurini e parintintin, que ocasionam a redução de seis vogais do proto-tupo-guarani em sistemas de cinco vogais, podem ser descritas como um processo em cadeia (Viveiros de Castro, 1986; Soares e Leite, 1991). No entanto, essa cadeia parece ter caminhos próprios em araweté, sendo impulsionada pelo pouco arredondamento das vogais posteriores que leva à perda do valor distintivo do traço [arredondado], dando origem a um sistema fonologicamente diferente do das demais línguas com apenas cinco vogais. Além disso, os critérios de Lemle falham: o araweté perdeu as consoantes finais, o que é uma característica dos dialetos guarani do outro ramo da família tupi-guarani.

O modelo falha também no caso do tapirapé. Segundo Lemle (*op.cit.*: 129)

O tapirapé tem muito em comum com o asurini, incluindo a perda do contraste entre \*u e \*o, a fusão de algumas vogais com \*a e a manifestação de /j/ no contexto de sílaba final e /ç/ em outros ambientes. No entanto, sua inclusão no diagrama em árvore na seção do asurini é difícil uma vez que a nasalização das vogais permanece um traço distintivo em tapirapé, mas não em asurini e guajajara.

Para contornar essa dificuldade, Leite (1982), seguindo a metodologia da fonologia gerativa clássica, considerou o proto-sistema como a representação subjacente da qual se derivam, pela aplicação de regras extrinsecamente ordenadas, as formas atuais existentes em cada língua. Quanto mais alta na derivação a regra, mais antigo é o processo. A mesma metodologia foi aplicada por Soares (1979) ao asurini e kokama e guajajara para verificar se a perda da nasalidade das vogais era um processo compartilhado ou se havia ocorrido em diferentes épocas em cada uma das línguas. A comparação comprovou a segunda hipótese, alijando, assim, a desnasalização como um critério classificatório diacrônico.

Na literatura sobre classificação das línguas tupi-guarani, Urban (1992) considera, sem explicitar a razão, o araweté como um dialeto tapirapé, juntamente com o asurini e o parakanã, posição que os dados aqui apresentados não corroboram, embora o araweté tenha também o processo de nasalização total da proto-vogal \*a. Já Rodrigues (1984/1985) estabelece os traços que induzem a subclassificação das línguas da família tupi-guarani e cautelosamente, dada à escassez de dados, agrupa o araweté junto com o kaiabi e o asurini do Xingu. No entanto, essa probabilidade também não se confirma. A tomar por base os critérios estabelecidos por Rodrigues, o araweté constituiria um sub-grupo à parte, com os seguintes traços: 1. perda das consoantes finais (com exceção de j); 2. fusão de \*tx e \*ts, ambos passando a h; 3. \*pw → p; 4. \*pj → tx; 5. conservação de \*j; 6. conservação do acento. Deve-se acrescentar a essa lista a perda da distintividade do traço [arredondado].

Sobre a desativação do traço [arredondado] em araweté é bom assinalar que tudo indica que as vogais posteriores, conforme informações de Weiss e Dobson (1975), em sua descrição das vogais do kaiabi, observam o pouco grau de arredondamento das vogais posteriores. O mesmo registro é feito por Harrison (s.d.) para o asurini.

Quanto às características morfossintáticas, o araweté tem várias das categorias encontradas para outras línguas da família tupi-guarani, tais como: a marcação de tempo nos nomes, a ausência de afixos temporais verbais, a reduplicação como indicador de aspecto, a atuação da natureza do primeiro sintagma à esquerda da sentença como desencadeador do indicativo II, a incorporação nominal, o desiderativo, o completivo, a ordem sintagmática básica SOV, que se encontra em mbyá e kamaiurá e em outras famílias do tronco tupi, a série de clíticos reflexivos ou co-referenciais estendida a todas as pessoas, comum também ao tapirapé, asurini do Trocará, kamaiurá, mas limitada à terceira pessoa em tupinambá, mbyá e línguas guarani, verbos auxiliares, entre os quais se encontram os verbos posicionais, para codificar o aspecto progressivo, ausência de palavras interrogativas do tipo *qu*, entre outros.

No entanto, o araweté tem categorias e procedimentos não encontrados em outras línguas da família tupi-guarani, e que não remontam, até a presente data, a lexemas reconstruídos na proto-língua, como uma conjunção coordenativa, a partícula *ky*, a forma explícita de indicativo II para todas as pessoas (Vieira e Leite, 1998).

Não é intenção resolver no âmbito desta Comunicação essas dificuldades provenientes da classificação em árvore, tantas vezes já demonstradas na literatura, mas mostrar como os lingüistas brasileiros vêm lidando com a mudança das línguas

indígenas e também trazer à cena um dos objetivos desta sessão de comunicações coordenadas: a discussão sobre a validade de se aplicar às Ciências Humanas e Sociais a teoria das revoluções científicas e das mudanças paradigmáticas tal como concebidas por Kuhn (1975) tão em voga nos anos 70. A teoria de Kuhn implica o rompimento total com o paradigma anterior, momentos transitórios de grande tensão e rompimentos, suas teorias passando a ser apenas do domínio da história da ciência. Em trabalhos de história da lingüística, porém, é comum encontrar-se a referência a Saussure e a Chomsky como introdutores de novos paradigmas. No entanto, em pleno século XXI, os lingüistas que lidam com essas línguas sem registro histórico se sentem na obrigação de recuperar o passado desses povos, suas origens, suas ligações e migrações milenares e aplicam, com fervor e esperança, um modelo do século XIX.

### Referências Bibliográficas

- HARRISON, Carl (s.d) *The phonemics of Asurini. A language of Brazil* (polio).
- KUHN, Thomas (1975) *A Estrutura das revoluções científicas*, São Paulo: Perspectiva.
- LEITE, Yonne (1982) A classificação do tapirapé na família tupi-guarani. *Ensaio de Lingüística* 7, pp. 25-32.
- LEITE, Yonne, Moraes, João Antonio e Soares, Marcelo Luiz Motta (1999a) *O sistema vocálico do araweté: caracterização acústica*. XII Congresso Internacional da ALFAL. Santiago, Chile, 09-14 de agosto (polio).
- (1999b.) *As vogais do araweté: descrição acústica e representação fonológica*. IX Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro. UFRJ, 16-19 de novembro (polio).
- LEMLE, Miriam (1971) Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family. In David Bendor -Samuel (org.). *Tupi Studies I*. Oklahoma: SIL, pp. 107-129.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1984/01985) As relações internas na família lingüística tupi-guarani. *Revista de Antropologia* 27/28, pp. 33-53.
- SOARES, Marília Facó (1979) *A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SOARES, Marília Facó e Leite, Yonne (1991) Vowel shift in the Tupi-Guarani linguistic family. In Mary Ritchie Key (org.) *Language Change in South American Indian Languages*, Philadelphia: Philadelphia University Press, pp. 36-53.
- URBAN, Greg (1992) A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In Maria Manuela Carneiro da Cunha (org.) *Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Fapesp/ SMC, pp. 87-102.
- VIEIRA, Márcia e Leite, Yonne (1998) Observações preliminares sobre a língua araweté. *Moara* 9, pp. 7-31.
- VIVEIROS de Castro, Eduardo (1986) *Araweté: os deuses canibais*. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- WEISS, Helga e Dobson, Rose (1975) *Phonemic statement of Kayabi* (polio).